

MARGARET ATWOOD: A “REPÚBLICA DE GILEAD” REVISITADA

Sigrid Renaux
Universidade Federal do Paraná

Significativamente, *The Handmaid's Tale* foi publicado em 1985, um ano após a data-título da famosa distopia orwelliana, *1984*. Na trilha de George Orwell e de outros autores de obras distópicas recentes - como Jack London, Yevgeny Zamyatin, Aldous Huxley, Anthony Burgess, Karel Capek e Ray Bradbury - Margaret Atwood apresenta, neste romance, uma sociedade imaginária cujo regime opressivo provoca horror, medo e pessimismo: é a “República de Gilead”, estabelecida em meados da década de 1980 perto de Boston, por fundamentalistas de direita, que assassinam o presidente norte-americano e membros do Congresso e privam as mulheres de seus direitos políticos, profissionais e educativos, além de tentar aniquilar todos os que não se inserem em seus princípios raciais, religiosos e sociais.

Concebidas e apresentadas nas mais variadas formas e maneiras, essas utopias negativas - mostrando, numa perspectiva ameaçadora, o ser humano à mercê de desígnios sobre os quais não tem controle - rebatem o idealismo das utopias que descrevem lugares e situações ideais onde vigoram normas e instituições políticas altamente aperfeiçoadas, desde as sobejamente conhecidas *República* de Platão (sec. IV a.C.) e a *Utopia* de Sir Thomas More (1516) que deu nome ao gênero, até *A Modern Utopia*, de H.G. Wells (1905) e *Island* de Aldous Huxley (1962).

Levando-se em consideração, entretanto, que tanto o utopismo como o distopismo oferecem a promessa de uma melhoria da condição humana e antecipam algumas das mudanças sociais e políticas mais importantes dos tempos modernos, a relação que se pode estabelecer entre ambos é, no mínimo, dialética. Por esta razão, pretendo rever, revisitando a “República de Gilead”, a conexão de *The Handmaid's Tale* com o gênero utópico, pois a concepção distópica do romance, já amplamente debatida por críticos, não é tão simplista e linear como parece à primeira vista. Esta revisão será feita a partir de conceitos expostos pelo historiador e filósofo polonês Jerzy Szachi na obra *As Utopias* (1972) a fim de mostrar que Atwood se apropria não só da tradição distópica, recontextualizando-a, mas também estabelece conexões com a narrativa utópica, ao resgatar, especificamente, certos aspectos e temas da *República* platônica, deste modo problematizando as antinomias pré-estabelecidas entre utopias e distopias e, conseqüentemente, a avaliação do romance dentro de uma perspectiva pós-moderna.

1. As distopias:

Como afirma Szachi, é impossível caracterizar o utopismo - uma certa *postura* diante da vida, manifestada em esferas muito diversas da teoria e prática social e que existe ainda hoje como uma possibilidade do pensamento e da ação de todos nós (xxxvi) - sem referir-se à problemática das utopias negativas, interpretadas por ele como **uma extensão às últimas conseqüências lógicas de fenômenos encontrados na realidade** ou, em outras palavras, como **hipótese sobre a perspectiva de desenvolvimento desses fenômenos** (12).

Argumentando, no capítulo dedicado às utopias negativas, que, se a característica constante das utopias é conter **um ideal em oposição à realidade**, as obras distópicas surgidas recentemente parecem contrariar este ponto de vista, pois toda a semelhança deste tipo de obra com o gênero parece resumir-se à aplicação do truque literário típico de viagens imaginárias no tempo ou no espaço. Entretanto, o problema é complexo e não deve ser reduzido a uma questão de **forma literária** pois **a consangüinidade das utopias negativas e positivas reside fundamentalmente numa semelhança no modo de ver o mundo**.

Lembrando, a este respeito, que os ideais humanos são extremamente heterogêneos, e, que, conseqüentemente, os sonhos da humanidade sobre a ilha feliz não são sonhos sobre uma e a

mesma Utopia - “o sonho de um indivíduo é pesadelo de outro” diz ele, citando Margaret Mead - Szachi encontra em algumas das utopias antigas, como as de Platão, Campanella, Deschamps e Cabet, relações também pouco atraentes em certos casos.

Apesar de considerar errado ler as utopias como catálogo de idéias particulares - pois deve-se ver nelas **a proposta global de uma outra ordem social**, cujo valor não depende somente do valor das soluções particulares - Szachi afirma que, por causa das diferenças sociais, como interesses de classe e tradições culturais, **a utopia pode transformar-se em contra-utopia caso a abordemos com um outro sistema de valores, aspirações e interesses.**

Esta flexibilidade de fronteiras entre utopias positivas e negativas faz com que a luta ideológica que caracteriza o utopismo em certas condições históricas pode ser feita tanto pela **oposição dos próprios ideais aos ideais alheios**, como pela **apresentação dos ideais dos adversários deturpados** de tal maneira que apareçam como repulsivos - operação básica das utopias negativas. Se nas utopias positivas contrasta-se a sociedade ideal com a sociedade má, com as negativas é o inverso que ocorre. Em ambos os casos **o objeto de descrição é uma totalidade homogênea**: totalmente boa ou totalmente má.

Entretanto, a utopia negativa não é somente uma **inversão da oposição do ideal e da realidade** característica das utopias positivas. Seu objeto pode ser não só o **descrédito do ideal de alguém** em nome de uma realidade aceita sem reservas, mas também **o descrédito da realidade** em nome de um ideal não revelado explicitamente. Assim, embora os utopistas nem sempre se tenham dado ao trabalho de articular o **lado negativo** de suas visões, **ele é necessário a toda utopia.**

Interessa entretanto a Szachi, neste capítulo, **a capacidade das utopias negativas para uma existência autônoma.** Mesmo que esta autonomia seja relativa, pois não há em essência ideologia ou atitude puramente “nihilista”, a utopia negativa pode fazer-se um gênero ideológico independente no sentido em que **os valores positivos permanecem inconscientes, escondidos.** Ela exige apenas um radicalismo na observação da situação presente. Szachi observa também que, **nos autores de distopias do século XX, a negatividade é com freqüência uma questão de visão de mundo, antes de ser um artifício polêmico ou literário.**

Apesar de o ceticismo e catastrofismo de nossos dias produzirem utopias negativas em números muito maiores do que as épocas passadas - pois, na visão de Bertrand Russell, citado por Szachi,

“Em nosso século tão desprovido de ilusões, já não conseguimos acreditar nos sonhos dos utopistas - e as sociedades nascidas de nossa fantasia reproduzem em dimensões gigantescas o mal ao qual nos habituamos na vida diária”.

- mesmo assim, conclui Szachi, as utopias positivas continuam a surgir, pois a consciência do mal abre o caminho do sonho. Como **uma manifestação consciente ou inconsciente da necessidade de um mundo melhor percebida por homens que são incapazes de descobri-lo por si mesmos**, a utopia negativa, como qualquer outra utopia, é uma **diagnose** e, ao destruir a satisfação com o que é, **faz o mesmo trabalho dos antigos projetos de sociedades ideais**, mostrando o mundo dividido sempre por conflitos e escolhas fundamentais. É uma prova a mais, termina o autor, da imortalidade do utopismo(111-124).

2. A “República de Gilead”:

Partindo do princípio que as utopias (e por extensão, as distopias) mesmo quando se lançam num futuro longínquo ou quando buscam o ideal num passado desaparecido, levam consigo a marca do tempo e do lugar de nascimento, como respostas não somente às perguntas eternas sobre a condição humana, mas também a perguntas de sociedades históricas particulares (Szachi: 20), é importante averiguar a razão da escolha, por parte de Atwood, dos Estados Unidos a partir de 1985, como cronótopo de sua distopia futurista. A resposta da autora, numa entrevista, à pergunta sobre a iminência de Gilead -

The United States is where it's going to happen first. (...) Canada (...) was never a revolutionary society. The United States was. It had its revolution in 1776 and from that it got the idea that you could change reality overnight... The United States... is humanity's testing ground. It's like a teeming bacterial culture of everything you can imagine. It's where very different ideas fight it out. (Davidson 1986: 25)

- deixa claro a relevância da sociedade revolucionária norte americana, como local de testes para a humanidade e no qual idéias conflitantes são resolvidas pela luta, para o aqui e agora da “República de Gilead”.

Esta escolha, aliás, tem também precedentes históricos bem conhecidos, pois, além das utopias idealizadas pelos escritores e filósofos, muitos grupos religiosos e reformadores políticos tentaram estabelecer comunidades utópicas nos Estados Unidos. Entre os séculos XVII a XIX instalaram-se lá mais de cem comunidades, tanto religiosas - como as de menonitas holandeses no Delaware e pietistas alemães na Pennsylvania - quanto laicas - como a de Robert Owen em Indiana; a famosa Brook Farm em Massachussetts, formada por escritores e intelectuais; e também a comunidade de Oneida em Nova York, fundada por John Noyes, na qual se praticava o “complex marriage”, casamento no qual maridos e mulheres eram compartilhados. Nas décadas de 60 e 70 do século XX houve um renascimento de comunidades utópicas entre os hippies ou “flower children” na Califórnia - grupo não-conformista caracterizado pelo rompimento com a sociedade tradicional e por um ideal de paz e amor universal - que depois se espalharam a outras partes dos Estados Unidos e também a diversos países, inclusive o Brasil. Mas, sem dúvida, o século XX se caracterizou principalmente pela proliferação de obras distópicas confrontando o idealismo desses e outros precedentes históricos com uma visão pessimista da atual condição humana, obras motivadas pela iminência cada vez maior da possibilidade de uma sociedade planejada se tornar realidade.

A quase concomitância da instalação desta Gilead ficcional com a data de publicação do romance e portanto o uso de um futuro iminente como referente para os leitores da época, como também o fato de já estarmos, neste início de século XXI, cronologicamente dentro desta “ilha infeliz”, apenas aumenta a sensação de um pesadelo “real”. Esta sensação é confirmada por Laurent Loty, ao comentar que a utopia, ao inscrever este outro mundo no futuro, “réduit l'écart entre l'utopie et ce monde-ci: la société imaginaire devient un avenir possible, voire probable”(1998:18).

Como que para acentuar o início e o término desta teocracia misoginista e, assim, sua transitoriedade e assim também situando a obra formalmente dentre as anteriores do gênero, *The Handmaid's Tale* tem uma estrutura específica, composta por duas narrativas: uma encaixada, dividida em quinze capítulos, que apresenta a “história de aia” (título da tradução em português) e uma encaixante, ao final, constando de “Notas históricas” sobre a “República de Gilead”.

Sumariamente, “a história de aia” consiste nas gravações feitas pela personagem principal relatando episódios de sua vida diária em Gilead: após uma frustrada tentativa de fuga com sua família, ela é capturada, doutrinação e enviada para a casa de um dos líderes militares do país. A função dela é, como a de todas as outras “servas” férteis de Gilead, procriar para esses “Comandantes da Fé” a fim de perpetuarem a raça branca que está em declínio por causa de guerras nucleares e biológicas. Praticamente confinada a um quarto, Offred aguarda todo mês ser chamada para ter relações sexuais com Fred, o comandante idoso para cuja casa fora designada. Além desta “cerimônia de inseminação”, ela também tem de participar de encontros de oração, partos, exames médicos e execuções públicas. Quase que como um relato paralelo, os acontecimentos não-oficiais de sua história são seus encontros subreptícios à noite com o comandante, que a chama para jogar palavras cruzadas, como também seu envolvimento com Nick, o motorista da casa. A narrativa se encerra com a descrição de seu rapto ou fuga, de Gilead, com a ajuda de Nick. Entremeados a esses acontecimentos encontramos, em contraponto, as lembranças e reflexões nostálgicas de Offred sobre sua vida passada, anterior à

mudança política. As “Notas Históricas”, por sua vez, constam da transcrição das atas do Décimo Segundo Simpósio sobre Estudos Gileadeanos, na Universidade de Denay, no ano 2195, entre as quais a conferência do Professor Pieixoto, que transcreveu, anotou e publicou as fitas gravadas por Offred e achadas numa maleta.

Assim, a narrativa encaixada se assemelha, na forma, ao gênero literário utópico, mas às avessas. Em vez de uma viagem imaginária no tempo ou no espaço a uma ilha feliz, isto é, alguém chegando a um outro lugar, temos o oposto: uma tentativa de fuga malograda no início do domínio opressivo de Gilead e outra ambígua tentativa de fuga ao final, mas que imaginamos ter sido bem sucedida, pelo fato de Offred ter feito as gravações após a fuga. A narrativa encaixante, por outro lado, fornece uma perspectiva histórica para todos esses acontecimentos e seu tom irônico serve de contraste à narrativa desalentadora de Offred.

Também já é fato amplamente reconhecido pelos críticos que a “República de Gilead” foi retratada com paralelos à teocracia puritana original para dramatizar a visão sombria dos ciclos da história humana, como reação, por parte da autora, ao clima político conservador dos anos 80 nos Estados Unidos. Não só o romance é dedicado a Mary Webster, sua ancestral, condenada por bruxaria em 1683 na Nova Inglaterra e a Perry Miller, seu professor em Harvard e historiador dos puritanos, mas nele estão presentes também aspectos do mundo repressivo e assustador de Massachusetts do século XVII: os batistas e quakers não se adaptam ao regime de Gilead e estão sendo perseguidos; os indivíduos mais recalcitrantes são enviados às Colônias; em ambas as sociedades, os cidadãos, especialmente mulheres, estão sujeitos a leis severas; a paranoia é induzida na população quando os cidadãos são encorajados a espionar um ao outro e a participar de execuções públicas; em ambas, também, o poder está nas mãos de uma elite pequena e fervorosa e os indivíduos praticamente não têm direitos políticos, apesar de aparentemente estarem se governando por consenso (Stouck: 1988:291-2).

Por outro lado, as características distópicas reveladas em obras clássicas como *We* de Zamyatin, *Brave New World* de Huxley e *1984* de Orwell - poder, totalitarismo, guerra, pesadelos, fantasia, realidade, conflitos entre escolha individual e necessidade pessoal, personagens planas, paralisia e medo do futuro, perspectiva filosófica e sócio-política - (Malak 1987:10), encontram-se igualmente reelaboradas e redefinidas em Atwood.

Desta maneira, se bem que a “República de Gilead” tenha seu cronótopo bem definido no romance e as relações estabelecidas com a teocracia puritana bem como com as distopias do século XX já demonstram claramente alguns dos referenciais históricos e literários sobre os quais o romance se constrói, os termos “República” e “Gilead” ainda trazem implicações que reverberam através do tempo e do espaço, atingindo eras e lugares bíblicos - a região de Gilead, na antiga Palestina - como também a antiguidade clássica de Platão e o sistema de governo idealizado por ele na *República*.

Como é sobejamente conhecido, os *Diálogos* de Platão, entre os quais se encontra *A República*, são registros de conversações reais ou imaginárias entre Sócrates e outros atenienses. Desgostoso com a situação política de sua época, pois tanto os sistemas de governo democrático como o oligárquico de Atenas não haviam cumprido com sua função de salvaguardar os verdadeiros interesses do povo, Platão - aluno de Sócrates - acreditava que só se poderia levar uma vida perfeita sob condições ideais, isto é, numa sociedade perfeita. Assim, ao materializar nos dez livros da *República* sua versão de um Estado Ideal - a primeira Utopia na literatura - Platão expressa simultaneamente sua preocupação vitalícia com o fenômeno político “como agente na transformação e superação dos problemas da sociedade” (Vallandro 19--: 5), além de discutir também problemas relacionados com educação, arte, poesia, filosofia e metafísica. Assim, especificamente, o referente “república”, aliado ao fato de a *República* platônica ter servido de modelo para muitas utopias, inclusive a de Thomas More, nos autoriza a estabelecer relações de similaridade e contraste também entre esta Gilead distópica e a utopia platônica.

Retomando as definições de *res publica* = coisa pública, significando portanto a organização política de um Estado com vista a servir à coisa pública, ao interesse comum, como também um

sistema de governo em que um ou vários indivíduos eleitos pelo povo exercem o poder supremo por tempo determinado, convém lembrar que em Platão, “república” deve ser entendida no sentido grego de Estado ou Sociedade Civil, sob qualquer forma de governo e que, na realidade, o Estado Ideal de Platão - sustentado no conceito de justiça - é mais semelhante a uma monarquia esclarecida do que a uma república no sentido atual da palavra.

Contrastivamente, iremos verificar que em Atwood a organização política de Gilead em vez de servir à *res publica* serve ao interesse de uma ditadura teocrática que transforma ideais de liberdade, patriotismo e religiosidade em seu avesso, ou seja, em fanatismo, servilismo e intolerância. Seus membros não foram eleitos pelo povo mas usurparam o poder supremo por tempo indeterminado. Da mesma maneira, a fertilidade da região bíblica de Gilead é transformada, em Atwood, num “wasteland” de grandes áreas poluídas pelas guerras biológicas e nucleares.

Esta subversão dos conceitos originais dos referentes “República” e “Gilead”, servem de preâmbulo, portanto, para a visão distópica que Atwood apresenta no romance e da qual destacaremos alguns temas relacionados com o estatuto das mulheres: servidão, procriação, educação, individualidade. Todos eles, como ela enfatiza, têm antecedentes históricos: “There is nothing in *The Handmaid’s Tale*, with the exception maybe of one scene, that has not happened at some point in history. I was quite careful about that. I didn’t invent a lot. I transposed to a different time and place, but the motifs are all historical motifs”(Davidson: 24). Projetando assim simultaneamente a relação intrínseca entre história e ficção, cujos limites são constantemente anulados nesta narrativa, esses temas serão articulados com trechos da *República* que funcionarão como pontos de referência para a reavaliação dos conceitos de utopia e distopia e, por extensão, da narrativa atwoodiana.

3. O estatuto das mulheres em Gilead e o subtexto platônico:

The Handmaid’s Tale inicia-se, expressivamente, com a frase “we slept in what had once been the gymnasium.”(HT 3). A passividade de “we slept” referindo-se, como descobrimos no decorrer da leitura, à narradora Offred e às suas companheiras de dormitório, sugere também a passividade forçada em que se encontravam estas “servas” em treinamento, “protegidas” pelas Tias - matronas armadas com bastões elétricos e apitos - e pelos Anjos - guardas postados do lado de fora do prédio e armados de pistolas. O local em que dormem, que havia sido “uma vez” um ginásio de esportes - “The floor was of varnished wood, with stripes and circles painted on it, for the games that were formerly played there” - aponta não apenas para um passado recente, do qual a narradora imagina relembrar

faintly like an afterimage, the pungent scent of sweat, shot through with the sweet taint of chewing gum and perfume from the watching girls, felt-skirted as I knew from pictures, later in mini-skirts, then pants, then in one earring, spiky green-streaked hair. Dances would have been held there; the music lingered, a palimpsest of unheard sound, style upon style, an undercurrent of drums, a forlorn wail, garlands made of tissue-paper flowers (...)(HT 3).

Recupera também, pela etimologia de “gymnasium” (*gymnazein* = treinar nú), o local de exercícios atléticos da Grécia antiga, no qual os atletas treinavam nus, o termo incorporando deste modo, através de imagens sinestéticas, a sensualidade e a liberdade dos jovens de uma era passada com a dos adolescentes que assistiam e participavam de jogos de basquetebol.

Mas agora, assim como os sons, perfumes e danças, também os jogos lúdicos haviam acabado e o novo conjunto de regras permitia apenas um único exercício às servas: sair caminhando, “twice daily, two by two around the football field which was enclosed now by a chain-like fence topped with barbed wire”(HT 4). E à noite, ansiando pelo futuro enquanto tentavam dormir, deitadas “in the army cots that had been set up in rows, with spaces between so we could not talk”, apenas podiam sussurrar seus nomes umas às outras, “silenciosamente”, enquanto suas mãos se tocavam.

Desta maneira, Atwood faz-nos visualizar quase que um campo de concentração - chamado ironicamente “Rachel and Leah Center” - contrastando imagens atuais de militarismo, brutalidade e coerção com visões persistentes de épocas passadas, quando os Estados Unidos ainda eram os “U.S.”- as iniciais estampadas nos cobertores de exército usados pelas servas. Todas essas imagens estão subordinadas à força evocativa deste “gymnasium”, cronótopo milenar que nos remete, por sua vez, através da evocação de música, dança e jogos, significativamente ao papel que eles desempenhavam na *República* platônica: em trechos do livro IV, ao discutir a importância da educação e da criação para a formação de bons cidadãos, Sócrates afirma não só que a atenção dos governantes deveria se concentrar acima de tudo na preservação da Música e da Ginástica em sua forma original mas enfatiza ainda que, como os guardiões, também “as mulheres devem aprender Música e Ginástica e (...) a arte da guerra”. Além disso, como ele continua, ambas porão em harmonia a razão, que compete ao governo e o princípio irascível, seu súdito e aliado:

(...) a influência combinada da Música e da Ginástica porá a ambos [o princípio racional e o princípio irascível] de acordo, vigorizando e nutrindo a razão com boas palavras e ensinamentos, enquanto modera e civiliza a cólera por meio da harmonia e do ritmo (...). E não serão também esses dois os melhores defensores da alma e do corpo inteiro contra os inimigos de fora, um tomando resoluções e o outro lutando sob as suas ordens e executando corajosamente o que ele determinar?

Permanece a pergunta: não seriam talvez a evocação da música e dos esportes, por parte de Offred, uma maneira de suprir a falta que lhe fazem esses dois elementos básicos da educação grega e que põem em harmonia a razão e a cólera, considerados como “os melhores defensores da alma e do corpo inteiro contra os inimigos de fora”? Pois, como se irá perceber após este momento inicial do relato, Offred necessita, na situação de prisioneira, de coragem de tomar resoluções, como também de vigor para executá-las, a fim de poder subsistir e, eventualmente, escapar. Como ela diz, “I intend to get out of here. It can’t last forever”(HT 126).

Simultaneamente, a evocação da música e dos esportes como “a palimpsest of unheard sound” sugerindo, igualmente, liberdade física e mental, acentua o fato de que, assim como os copistas medievais não conseguiram apagar completamente o texto original dos velhos pergaminhos ao neles inscrever um novo texto, esta teocracia repressiva não consegue erradicar totalmente de Offred as lembranças de um passado “normal” anterior à sua instalação. Basta lembrar que, apesar de Offred ter seu cartão de crédito anulado, ter perdido o emprego, seu direito a ter propriedades confiscado - “women can’t hold property any more”, diz-lhe sua amiga Moira, “it’s a new law” - e, principalmente, ter perdido seu nome -

My name isn’t Offred. I have another name, which nobody uses now because it’s forbidden. I tell myself it doesn’t matter, our name is like your telephone number, useful only to others: but what I tell myself is wrong, it does matter. I keep knowledge of this name like something hidden, some treasure I’ll come back to dig up, one day. I think of this name as buried. This name has an aura around it, like an amulet, some charm that’s survived from an unimaginably distant past (HT 79-80).

- ela não consegue apagar o conhecimento desse nome, indicador de sua individualidade. Este nome, entretanto, que ela guarda como um tesouro e que um dia espera desenterrar, continuará anônimo, pois trágica e ironicamente, o que virá a ser desenterrado “on the site of what was once the city of Bangor” no antigo estado de Maine, dois séculos mais tarde, são as trinta gravações em fita cassete com sua história, e que, por não terem título, receberam o sobrescrito “The Handmaid’s Tale”, como explica o Professor Pieixoto(HT 283).

As implicações deste primeiro estágio de redução das mulheres férteis em Gilead a um estatuto de quase servidão, não só pela anulação de seus direitos e de suas individualidades, pelo fato de ser proibido a elas ler - “We can be read to from it [the Bible] but we cannot read” (HT 82) - e escrever - “I would like to believe this is a story I’m telling (...). Tell, rather than write,

because I have nothing to write with and writing is in any case forbidden” (HT 37), mas também por elas terem se tornado nominalmente objetos de posse dos comandantes aos quais foram designadas, como os patronímicos impostos a elas atestam - Offred = of Fred, Ofglen = of Glen, Ofwarren = of Warren - são ainda intensificadas pelo fato de que, após terem sido doutrinadas no Rachel and Leah Center, elas são reduzidas à posição de procriadoras anônimas:

We are all for breeding purposes: we aren't concubines, geisha girls, courtesans. On the contrary: everything possible has been done to remove us from that category. There is supposed to be nothing entertaining about us (...). We are two-legged wombs, that's all: sacred vessels, ambulatory chalices (HT 128).

As conotações religiosas de “sacred vessels, ambulatory chalices”, entretanto, não conseguem apagar as imagens de circularidade contidas em “wombs”, “vessels” e “chalices” projetando claramente as conotações sexuais desses símbolos femininos, que assim revelam a hipocrisia camuflada por detrás deles, pois as servas continuarão a ter a função de objetos para os comandantes - receptáculos como vasos e cálices, para procriação - assim cumprindo um dos objetivos da República - gerar crianças sadias para o escalão superior.

Todas essas implicações vão atingir seu paroxismo na cena em que Offred relata suas relações sexuais com o comandante, cena que é simultaneamente o ponto culminante da narrativa, literal e metafóricamente. Precedido por uma leitura bíblica pelo comandante, recontando, como diz Offred, a “velha” história de Raquel e sua serva Bilhah - *Give me children, or else I die. Am I in God's stead, who hath withheld from thee the fruit of the womb? Behold my maid Bilhah. She shall bear upon my knees, that I may also have children by her* (HT 84) - o ritual pseudo-religioso desta “cerimônia de inseminação” é descrito por ela num tom impessoal e quase alienado, caracterizando ainda mais sua posição de vítima sem alternativa:

The Ceremony goes as usual.

I lie on my back, fully clothed except for the healthy white cotton underdrawers. (...) Above me, towards the head of the bed, Serena Joy is arranged, outspread. Her legs are apart, I lie between them (...). She too is fully clothed.

My arms are raised; she holds my hands, each of mine in each of hers. (...) What it really means is that she is in control, of the process and thus of the product. (...)

My red skirt is hitched up to my waist, though no higher. Below it the Commander is fucking. What he is fucking is the lower part of my body. I do not say making love, because this is not what he's doing. Copulating too would be inaccurate, because it would imply two people and only one is involved. Nor does rape cover it: nothing is going on here that I haven't signed up for (HT 87-8).

Como Offred ainda comenta,

What's going on in this room (...) is not exciting. It has nothing to do with passion or love or romance or any of those other notions we used to titillate ourselves with. It has nothing to do with sexual desire, at least for me, and certainly not for Serena. Arousal and orgasm are no longer thought necessary”(HT 89).

Assim, do mesmo modo como não deveria haver nada de “recreativo” nas procriadoras, este ritual de inseminação nada tem de “romântico”, pois desejo e prazer sexuais perderam seu valor emocional, tornaram-se “desnecessários”. Muito pelo contrário, a cruzeza e horror desta cena projetam claramente um dos temas principais de Atwood: as conseqüências desastrosas que podem surgir pela imposição de um sistema religiosamente fanático e misoginista, obcecado em reduzir o sexo feminino a uma posição subserviente, desumana e imoral e, simultaneamente, revelando toda sua hipocrisia, ao simular perversamente estar agindo em nome de princípios bíblicos. Como Atwood explica, “A new regime would never say, ‘we're socialist; we're fascist.’ They would say that they were serving God... You can develop any set of beliefs by using the Bible.”(Davidson:26)

Mesmo as compensações fornecidas por Gilead, como as de outros regimes totalitários, não deixam de ser “armadilhas”, como diz Atwood (Davidson:26), pois as promessas de Tia Lydia, a vigilante matrona do Rachel and Leah Center, ao visualizar para as “servas” um futuro muito melhor –

For the generations that come after (...) it will be so much better. The women will live in harmony together, all in one family; you will be like daughters to them, and when the population level is up to scratch again we'll no longer have to transfer you from one house to another because there will be enough to go round. There can be bonds of real affection (...) under such conditions. Women united for a common end!(...) Your daughters will have greater freedom. We are working towards the goal (...). But we can't be greedy pigs and demand too much before it's ready, now can we? (HT 152-3).

- são sonhos utópicos de liberdade, harmonia e afeto entre as mulheres, cuja realização está habil e cinicamente colocada “para as gerações futuras”. A revelação do comandante para Offred, tentando justificar o regime, “We thought we could do better”(HT 198), também deixa bem claro a capciosidade dessas promessas.

Todos esses aspectos relacionados com o estatuto das mulheres em Gilead remetem, novamente, como a música que Offred imaginara ouvir no ginásio de esportes, a tópicos apresentados na *República* platônica, em paralelismos de contraste e de similaridade, e irão demonstrar como “o sonho de um indivíduo pode se transformar no pesadelo de outro”, ou, nas palavras cínicas do comandante Fred, “Better never means better for everyone (...) It always means worse, for some”(HT 198). Pois, assim como certos princípios bíblicos foram reapropriados e subvertidos na República de Gilead, este estado totalitário atwoodiano também continua seu diálogo com o “protótipo do estado totalitário”(Cuddon 1992:1016) - a utopia platônica - ao se reapropriar dele para subvertê-lo.

Articulando portanto os temas apresentados acima com seus subtextos platônicos - mesmo correndo o risco de descontextualizar certas idéias da *República* - verificamos que, no livro V e partindo de argumentos já debatidos anteriormente em relação aos guardiães do Estado, Sócrates propõe que as mulheres, mesmo sendo fisicamente mais fracas que os homens, podem ser guardiães e até governantes e devem portanto receber a mesma espécie de instrução que os homens. Além do fato de que “as mulheres devem aprender música e ginástica e também a arte da guerra, em que se adestrarão como os homens”, como já visto, também “ambos os sexos devem exercer todos os ofícios em comum”. Esta igualdade de sexos em termos educacionais e políticos já demonstra a enorme distância existente entre a concepção utópica e a realidade distópica das duas “repúblicas”, projetando simultaneamente a idéia de como qualquer tipo de repressão de um sexo em relação ao outro, ou de uma classe social em relação à outra pode destruir o equilíbrio social de um estado.

Por outro lado, Sócrates também propõe, sempre partindo de argumentação anterior, que “todos os guardiães terão suas esposas em comum e nenhuma coabitará privadamente com qualquer deles; e os filhos serão igualmente comuns, e nem o pai conhecerá a seu filho nem o filho a seu pai”; e, adiante, “como morarão e tomarão suas refeições em comum, sem que ninguém possua nada como coisa própria, e como estarão juntos e se misturarão uns com os outros, tanto nos ginásios como nos demais atos de sua vida, uma necessidade irresistível os impelirá (...) a unir-se entre si”. Necessidade que - acrescenta Glaucon [irmão de Platão] - “os amantes conhecem e que é muito mais convincente e capaz de arrastar as grandes multidões”.

Para evitar que, em conseqüência disso, os guardiães vivam juntos de modo imoral, e mesmo assim possam dar expressão a seus instintos sexuais, Sócrates sugere que a união dos sexos, como todo o mais, deva ser regularizada: “numa cidade de gente feliz, a promiscuidade é um vício detestável que os governantes certamente proibirão. (...) É evidente, pois, que devemos fazer com que os casamentos sejam sagrados no mais alto grau possível”.

Paralelamente à instituição de “festas em que se procedesse à união dos noivos e das noivas, oferecendo sacrifícios e entoando hinos apropriados à ocasião” Sócrates também sugere medidas a tomar para melhorar a raça e controlar a população: “Quanto ao número dos

casamentos, deixá-lo-emos ao arbítrio dos governantes, cuja finalidade precípua é manter o nível da população. Há muitas coisas a levar em conta, como as guerras, as epidemias e outros fatores similares, a fim de impedir tanto quanto possível que a cidade se torne demasiado grande ou excessivamente pequena”.

Conseqüentemente, para que “os melhores” jovens coabitem com “as melhores tantas vezes quanto seja possível, e os piores com as piores da forma contrária; e, se quisermos que o rebanho se mantenha em condições ótimas, haverá que criar a prole dos primeiros, porém não a dos segundos” e para que tudo isso ocorra “sem que ninguém o saiba, exceto os governantes, se desejarmos ao mesmo tempo afastar toda a possibilidade de rebelião entre o rebanho dos guardiães”, Sócrates não só justifica “o uso freqüente da mentira e do engano [por parte dos governantes] no interesse de seus governados” pois “o emprego de tais coisas a título de remédios poderia ser útil” mas preceitua, por conseguinte, a invenção de “algum engenhoso sistema de sorteio para que os indivíduos de menos valor, ao se verem mal contemplados, não possam acusar os governantes mas apenas a sua má sorte”.

Os paralelismos de contraste que se podem estabelecer agora entre os textos platônico e atwoodiano são bem mais complexos do que os primeiros, pois, mesmo levando-se em conta estarmos lidando com dois cronótopos totalmente diversos como também com dois sistemas de governo quase opostos, as duas repúblicas acabam se contaminando mutuamente, através do mau uso que se pode fazer dos projetos utópicos: se a igualdade de sexos em termos educacionais e políticos na *República* acentua ainda mais a desigualdade entre homens e mulheres em Gilead, já a regularização da união de sexos, em Platão, mesmo justificada, parece fornecer um pré-texto para a perversa “cerimônia de inseminação” praticada em Gilead, corroborando a idéia de como ideais utópicos podem se transformar em pesadêlos caso os abordemos, como diz Szachi, com um outro sistema de valores, aspirações e interesses.

Quase que como um espelho sinistro do texto platônico, a coabitação de homens com mulheres férteis e a decorrente união sexual entre ambos também é “imposta” pelos governantes de Gilead a fim de melhorar a raça e aumentar a população branca, dizimada por guerras e poluição. Entretanto, em vez de termos jovens guardiães e guardiãs, atraídos mutuamente por uma “necessidade irresistível, unindo-se em casamentos sagrados”, vamos ter a união de comandantes idosos com servas jovens, em “cerimônias de inseminação” nas quais os “hinos apropriados à ocasião” se transformam na leitura desgastada e hipócrita da Bíblia por parte do “guardiães”: “The Commander, as if reluctantly, begins to read. He isn’t very good at it. Maybe he’s merely bored”(HT 84). E a “necessidade irresistível que os amantes conhecem” se converte num ato sexual grotesco e cruel para as servas, além da presença “controladora” e inibidora das esposas, pois dele é retirada, como visto, qualquer conotação erótica, amorosa ou sentimental. Similarmente, se o número de casamentos na *República* fica ao arbítrio dos governantes, em Gilead, numa outra torção sinistra, os comandantes podem ter relações políginas - além da esposa oficial, êles são “obrigados” a trocar de servas caso estas não engravidem dentro de dois anos.

Entretanto, se na *República* os governantes mais velhos podem usar de mentiras e enganos “no interesse de seus governados” e “a título de remédios”, Sócrates está antecipando claramente, nesse protótipo de Estado ideal mas também totalitário, um dos aspectos negativos mais característicos de um estado totalitário moderno, ao preceituar, no caso específico da união dos jovens, que estes não devem saber que a escolha é feita de antemão pelos governantes, “para não se rebelarem contra o sistema”.

Este aspecto torna-se já bem mais complexo em Atwood, pois, por um lado, as mulheres férteis em Gilead são especificamente instruídas, como já visto, para a função de servas - como diz Offred, em relação ao ato sexual com o comandante, “nothing is going on here that I haven’t signed up for” - e assim aceitarem, sem se rebelar, este sistema distópico. Por outro, a doutrinação pública, que as servas sabem ser artilosa e falsa, torna ainda mais chocante e brutal não só a cerimônia de inseminação, mas todas as outras a que elas e as demais habitantes de

Gilead são submetidas, como assistir e participar de “salvagings” - execuções - e de “particutions” - execuções por esquartejamento.

Sabemos também serem “armadilhas” as promessas feitas por Aunt Lydia em relação ao futuro das servas, promessas essas que remetem, novamente, aos preceitos de Sócrates sobre a comunhão de mulheres e famílias dos guardiões em seu Estado Ideal: “quando as fêmeas e varões houverem passado a idade de procriar, devemos permitir (...) que coabitem livremente com quem lhes aprouver, exceto um homem com sua filha ou mãe(...) ou então uma mulher com seu filho ou pai “. Os pais, filhos e demais parentes “não se conhecerão (...) mas cada um chamará filhos a todos os varões e filhas a todas as fêmeas que houverem nascido no décimo mês(...) a partir do dia de seu casamento; e estes lhe chamarão pai”.

Comparando os dois textos, percebemos claramente a distância intencional entre ambos e, ao mesmo tempo, sua consangüinidade: se a comunhão de mulheres e famílias proposta de Sócrates seria a melhor maneira de assegurar a estabilidade do estado e prevenir desordem interna - se não houver famílias, não haverá ciúmes e alianças familiares e a lealdade das pessoas será direcionada para a comunidade como um todo; as pessoas se sentirão mais próximas umas das outras; em vez de haver famílias particulares pequenas, o Estado será uma grande família e os cidadãos amarão e respeitarão uns aos outros como irmãos e irmãs, mães e pais, filhos e filhas - na “República de Gilead” a promessa de comunhão de mulheres nas gerações futuras é apenas uma mentira deste regime totalitário para assegurar a aceitação do atual *status quo* e assim prevenir sublevações.

Permanece portanto atrás de todos esses exemplos a idéia básica de Szachi de que a utopia pode transformar-se em contra-utopia caso a abordemos com um outro sistema de valores, aspirações e interesses, isto é, medidas a princípio idealistas, como as expostas na *República*, podem facilmente se desvirtuar ao serem transpostas e recontextualizadas na República de Gilead.

Conclusão:

Apesar de termos destacado apenas alguns aspectos relativos ao estatuto das mulheres em *The Handmaid's Tale* a fim de rever as conexões que a obra estabelece tanto com a narrativa distópica do século XX quanto com a utopia platônica, acreditamos poder articular agora algumas conclusões, retomando os pontos básicos de Szachi.

Verificamos, primeiramente, que a obra pertence ao gênero distópico não apenas formalmente, pelo truque literário típico de uma viagem ao avesso - isto é, uma fuga de - mas também e principalmente pelo fato de a “República de Gilead” poder ser interpretada como hipótese sobre a perspectiva de desenvolvimento de fenômenos encontrados na realidade, fenômenos esses confirmados pela própria Atwood, como visto. Privadas de seus direitos políticos, profissionais e educativos, ao serem tolhidas em sua liberdade física como prisioneiras, em sua liberdade sexual por não disporem do próprio corpo, em sua liberdade intelectual por não poderem ler nem escrever, em sua individualidade por não terem mais o próprio nome e também em sua liberdade espiritual por terem de aceitar as promessas ilusórias do regime, o estatuto das mulheres em Gilead aponta para o descrédito de um sistema de governo totalitário, repressivo e misoginista, em nome de um quase-ideal não revelado explicitamente por parte da narradora, mas subentendido como sendo o de sua vida anterior à instalação de Gilead - os Estados Unidos entre as décadas de 60 a 80 do século XX. Desta maneira, a narrativa de Atwood, como utopia negativa, vem a ter uma existência autônoma, pois os valores positivos ficam apenas subentendidos através das recordações de Offred.

Por esta razão e pelo fato de a negatividade, nos autores de distopias do século XX, ser freqüentemente mais uma questão de visão do mundo do que um artifício polêmico ou literário, este estado de espírito de Atwood, como crítica social, caracteriza e incorpora perfeitamente também o estado de espírito pós-moderno - na conceituação de Zygmunt Bauman,

(...) a state of those minds who have the habit(...) to reflect upon themselves(...): the state of mind of philosophers, social thinkers, artists - all those people on whom we rely when we are

in a pensive mood or just pause for a moment to find out whence we are moving or being moved.

This is a state of mind marked above all by its all-deriding, all-eroding, all-dissolving *destructiveness* (1997: vii).

- deste modo ampliando o alcance do gênero através das décadas do século XX. Entretanto, esta destrutividade, tão bem expressa nas distopias, é, em última análise, construtiva, pois a utopia negativa é uma diagnose e ao destruir a satisfação com o que é, faz o mesmo trabalho dos antigos projetos de sociedades ideais, mostrando o mundo dividido sempre por conflitos e escolhas fundamentais, como já frisou Szachi. Bauman, continuando sua argumentação, também referenda esta construtividade em relação ao espírito pós-moderno, ao afirmar que “despite appearances to the contrary it is not a ‘destructive destruction’, but a constructive one (...). Its job has been a sort of a site-clearing operation. (...) it uncovers the truth in its pristine form (...). More than that: the demolition uncovers *the truth of the truth* (...)” (ix), aproximando assim mais uma vez a função ulterior da utopia negativa com o estado de espírito pós-moderno.

Por outro lado, o fato de “A República de Gilead” também resgatar temas da *República* platônica através desses mesmos elementos distópicos analisados acima, com eles estabelecendo paralelismos de contraste e de similaridade, confirma não só que a utopia pode transformar-se em contra-utopia quando abordada com um outro sistema de valores, aspirações e interesses, como visto. A esse respeito, também chama a atenção, na *República*, como a justificação do emprego da mentira e do engano por parte dos governantes, no “interesse” de seus governados e que é levado às últimas conseqüências lógicas em Gilead, pois esta atitude faz o problema da consangüinidade existente entre utopias negativas e positivas adquirir contornos ainda mais complexos: a consangüinidade neste caso não reside apenas numa semelhança no modo de ver o mundo, mas traz à tona aspectos menos utópicos da *República* e que são facilmente identificáveis em qualquer ditadura atual.

Deste modo, mesmo se limitada a alguns temas, a articulação do texto atwoodiano com o platônico, através dos conceitos expostos por Szachi, abre uma nova perspectiva de leitura para *The Handmaid’s Tale*, ao esta narrativa pôr em prática, subvertendo-os ou cotejando-os, diversos argumentos apresentados por Sócrates ao idealizar seu Estado Perfeito.

E, se o significado histórico das utopias depende da medida em que são capazes de contribuir para que a consciência social se convença do caráter problemático da ordem existente e da necessidade de realização de escolha entre ela e alguma outra, percebemos novamente como as duas repúblicas se espelham através dos séculos. A afirmação talvez mais importante de Sócrates, na *República* –

A menos (...) que os filósofos reinem nas cidades ou que os reis e príncipes deste mundo pratiquem verdadeiramente e adequadamente a Filosofia, que Filosofia e poder político venham a ser uma coisa só e que sejam afastadas pela força as naturezas mais comuns que exercem qualquer deles com exclusão do outro, não haverá, amigo Glaucon, trégua para os males da cidade, nem tampouco, creio eu, para o gênero humano (livro V).

- se encontra, sem dúvida, retomada por Atwood, mas dentro do espírito distópico e pós-moderno da obra. O aforismo *nolite te bastardes carborundorum* (HT 49) - uma corrupção do latim original “non illegitimi carborundum” - significando “don’t let the bastards grind you down” (HT 175), é a mensagem que Offred achou gravada no armário de seu quarto e deixada por sua antecessora. Significativamente repetida diversas vezes pela narradora, mesmo sem saber inicialmente seu sentido, a mensagem complementa, em última análise, e de um ponto de vista feminino, a afirmação socrática. “Não permita que os bastardos te oprimam”. É uma prova a mais da imortalidade do utopismo.

Referências bibliográficas:

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's Tale*. Toronto: McClelland-Bantam,, Inc. 1985. (As indicações de páginas referem-se a essa edição, precedidas pelas iniciais HT).

BAUMAN, Zygmunt. *Intimations of Postmodernity*. London: Routledge, 1992.

CUDDON, J.A. *The Penguin Dictionary of Literary Terms and Literary Theory*. London: Penguin, 1992.

DAVIDSON, Cathy N. "A Feminist '1984'". *Ms.* Feb. 1986:24-26.

LOTY, Laurent. "L'An 2000 en 1789". Numéro Spécial: L 'An 2000. *La Quinzaine Littéraire* 744. 31 Août 1998.

MALAK, Amin. "Margaret Atwood's 'The Handmaid's Tale' and the Dystopian Tradition". *Canadian Literature* (Spring 1987):9-16.

PLATÃO. *Diálogos III: A República*. Trad. Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Ediouro S.A., s/d.

STOUCK, David. *Major Canadian Authors*. Lincoln: University of Nebraska Press, 1988.

SZACHI, Jerzy. *As Utopias ou a Felicidade Imaginada*. Trad. Rubem C. Fernandes. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1972 (Os negritos nas citações são meus).
